

MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DE TAUBATÉ: A CAMINHADA COMO NARRATIVA DA VIDA NO PLANETA

ODS (6, 7, 11 e 13)

Gabriel Vilela Silva (Universidade de Taubaté)
Ademir Pereira dos Santos (Universidade de Taubaté)

O Museu de História Natural de Taubaté (MHNT) nasce com a urgência de converter o saber em uma experiência sensível e um território de permeabilidade do tempo, onde a arquitetura se molda ao trajeto do visitante para revelar camadas da história natural, escalas da vida e perspectivas diversas. O objetivo do projeto é estabelecer um centro de convergência entre ciência, educação, pesquisa e contemplação, comprometido não apenas com a preservação da memória natural, mas também com a produção de conhecimento vivo, funcionando como um polo de pesquisa e referência científica nacional. O método arquitetônico parte da premissa de que o espaço deve ser experimentado como narrativa, onde a caminhabilidade é o ponto central. A planta se desenvolve a partir de um percurso expositivo contínuo que se inicia no térreo (exposição permanente) e se desdobra horizontalmente, culminando em uma circulação vertical até o mezanino (exposição temporária), onde passarelas conectadas entre volumes suspensos permitem uma visualização aérea do acervo, reforçando a ideia de múltiplas camadas do tempo. A setorização interna distingue claramente as áreas técnicas (pesquisa e laboratórios) das públicas e o bloco da recepção funciona como um ponto nodal que articula de forma autônoma a exposição permanente, o auditório, a cafeteria e o setor de pesquisa. A implantação do museu responde às demandas ambientais locais através da renaturalização de um córrego canalizado que corta o terreno, visando mitigar a instabilidade do solo e reintegrar o elemento hídrico à paisagem urbana. O terreno externo é setorizado em três partes — contemplativa/familiar, museológica e ativa (com quadra de basquete 3x3 e academia ao ar livre) — interligadas por passarelas elevadas em deck de madeira permeável que cruzam a Área de Preservação Permanente (APP) com mínimo impacto, adensada com espécies nativas para recompor a vegetação ciliar. Como resultados, o projeto estabelece um verdadeiro parque urbano, com o museu se estendendo ao espaço aberto por meio de elementos interpretativos nas praças. Internamente, o uso de pé-direito duplo confere monumentalidade (10 metros) às salas expositivas, intensificando a percepção do tempo geológico. Estruturalmente, a cobertura utiliza a Madeira Laminada Colada (MLC), uma escolha sustentável que confere leveza e estabelece um diálogo com a natureza. As fachadas utilizam ripas verticais e pintura inspirada em grafismos ancestrais, criando um ritmo visual de cheios e vazios que sugere o conteúdo do museu e evita a monotonia. Há também uma intervenção viária para unificar ruas, criando uma "ilha urbana" que melhora a fluidez e a segurança dos acessos. Em considerações finais, o projeto alinha-se aos princípios da arquitetura contemporânea ao integrar estrutura, função, paisagem e narrativa em uma linguagem coesa, transformando o museu em um mediador da



experiência que garante um fluxo contínuo e qualificado para a comunidade local e visitantes.

Palavras-chave: Museu; Caminhabilidade; MLC; Parque; Taubaté.